

Escola Aberta, sucesso renovado

**VIII Concurso de
Declamação**

**EPM participa nas Comemorações do X
Aniversário de Transferência de Soberania**

9^{os} anos em Cantão



Editorial

Olhamos para os três meses que deixamos para trás e recordamos todas as tarefas e afazeres que foram preenchendo os nossos dias.

Seguia-se a participação na grande festa das cerimónias comemorativas da transição da soberania, momento histórico em que apertávamos a mão ao Presidente da República Popular da China e olhávamos o futuro confiantes em nós mesmos.

Destacamos o Dia da Escola Aberta, o espaço cheio de gente, alunos, pequenos e grandes, de chupa-chupas na mão ou na boca, batas brancas nos laboratórios, pais acotovelando-se para tirar aquela fotografia especial, que foi direitinha ao álbum onde vão colecionando o crescimento dos seus filhos. Um sucesso de dia, com pais novos, de visita, e algumas pequenas e grandes conquistas de mercado, com alunos novos a chegar para o Ano Preparatório, cheios de vontade de aprender a nossa língua e os nossos *modus*.

Virando as folhas do calendário, foram os dias correndo, uns mais felizes, outros menos. Víamos desaparecer do nosso diário convívio, pessoas que conhecemos desde há muitos anos, e que agora partiram para uma viagem que se faz noutra dimensão e espaço, deixando preenchido o espaço da ternura e amizade que as barreiras do tempo não podem apagar.

Em Março, revíamos rostos amigos, trazíamos a ex professora Fernanda Dias à nossa redacção improvisada, para dois dedos de conversa, ou três, já que a entrevistada tem o dom da palavra e continuávamos ao sabor da poesia, no palco da declamação onde tentávamos convencer o júri de mais um concurso de poesia.

As gentes do 9º ano seguiam para Cantão, fim-de-semana de aventura e História, e descobríamos coisas da Biologia e da Física, em pequenas visitas de estudo. Íamos visitar a Anima e mudávamos de sexo para as festas de finalistas. Escrevíamos sobre eles e elas e abraçávamos a Tailândia que nos esperava para duas semanas de sonho e promessas de muito sol.

A todos, uma Boa Páscoa!

Teresa Matos Sequeira



Tempus & Modus

Jornal da Escola Portuguesa de Macau

Ano XII
Edição 35

DIRECTORA: Maria Edith da Silva
CHEFE DE REDACÇÃO: Teresa Matos Sequeira
CONCEPÇÃO GRÁFICA: José Matos Sequeira
REDACÇÃO: Clube de Jornalismo
TIRAGEM: 1000 Exemplares
WEBSITE: www.epmacau.edu.mo
EMAIL: jtm@epmacau.edu.mo





Parlamento dos Jovens

edição 2010

Este ano, tal como em anos passados, a nossa escola inscreveu-se no Parlamento de Jovens. Os alunos mostraram-se, claro, muito interessados em participar, e, pouco tempo depois, tínhamos duas listas concorrentes e encontrávamo-nos em eleições, que se deram a 11 de Janeiro, durante a manhã de Segunda-Feira.

Para o Básico, a Sessão Escolar teve lugar dois dias depois, na presença de seis membros da lista A, composta por membros do 9º ano (José Rodrigues, Francisca Garcia, Alexandre Machial, Graciliana Loureiro, Esther Li e Carolina Vieira) e nove membros da lista B, da

turma 7ºB (Rodrigo Carvalho, Carolina Tam, Francisco Menano, Filipa Angeja, Sofia Croce, Pedro Pablo, Guido Croce, João Amaral e Sofia Metello). Esta reunião foi presidida pela professora Teresa Sequeira, responsável pela edição do Básico, que escolheu como vice-presidente a nossa colega Graciliana Loureiro e como secretária, a Sofia Croce.

Durante a Sessão Escolar foram discutidas as medidas que seriam apresentadas na Sessão Nacional a 24 e 25 de Maio. O grupo conseguiu chegar a um acordo, fundindo as medidas das duas listas, dando uma pequenina lição de democracia a todos os presentes. Apesar das

diferenças do número de votos na votação do dia 11 de Janeiro (com a maioria atribuída à lista B), o resultado quer das medidas escolhidas, quer dos representantes da escola que vão à Sessão Nacional, foi muito abrangente, tendo havido um bom entendimento entre as duas listas. Os alunos do Secundário elegeram como representantes à sessão nacional, os alunos Frederico Santos e Tomás McGuire.

No Básico, os representantes escolhidos foram: Carolina Tam e Francisca Garcia. Da parte de todos aqui no T&M, boa sorte para Lisboa!

Carolina Vieira (T&M)



Em grande!



Participação de algumas alunas do Grupo de Danças Tradicionais Portuguesas (Rancho Infantil da EPM) no Espectáculo Comemorativo do X Aniversário da Transferência de Macau para a China



A fim de celebrar o X aniversário da Transferência de Macau para a China, o governo da R.A.E.M. promoveu, no passado dia 19 de Dezembro de 2009, uma série de performances reunidas num espectáculo comemorativo desta importante efeméride. Alguns alunos da escola tiveram ainda a oportunidade de participarem na inauguração do novo Museu da Ciência de Macau, onde se juntaram a muitos outros jovens da RAEM.

Na cerimónia estiveram presentes membros dos mais diversos sectores da sociedade, incluindo sua Excelência, o Presidente da República Popular da China. Inúmeros órgãos de comunicação social, entre os quais a CCTV (China) fizeram a cobertura do evento.

A EPM participou através da representação do Grupo de Danças Tradicionais Portuguesas (Rancho Infantil da EPM), a convite do Instituto Cultural de Macau. Esta presença requereu um longo período de preparação, devido a vários aspectos, alguns dos quais decorrentes das muitas medidas de segurança inerentes, assim como o facto da representação Portuguesa se fazer através de uma performance única em conjunto com outros dois grupos de Danças folclóricas Portuguesas (Grupo de Danças e Cantares de Macau e Grupo Macau no Coração). Este facto exigiu um grande empenho destes três grupos no sentido de perante as demandas e objectivos definidos pelas entidades competentes, corresponderem a esses critérios de exigência com sucesso.

A colaboração e compreensão dos pais foram, também, essenciais. Apesar do esforço pedido às vinte alunas participantes, segundo os critérios e calendários definidos, esta foi uma experiência muito positiva e única para cada uma, com muitas horas de convívio, de espera, de ensaio e de preparação, estando todos obviamente de parabéns.

No grupo participante contamos com as alunas Ana Sofia Silva; Ana Raquel Silva; Inês Silva; Jessica Sofia; Matilde Bandeira; Vanessa Monteiro Silva; Rita Lobo; Rafaela Cruz; Inês Lobo; Vanessa Quaresma; Diana Lopes; Lauren Fonseca; Ana Catarina Vaz; Ana Sofia Santos; Mafalda Ramos; Inês Bandeira; Vanessa Lou Silva; Tang Un In (Celeste); Tang Un Leng (Margarida) e Catarina Amaral.

A professora Sílvia Brás, líder do grupo, foi também acompanhada pela Coordenadora do Pessoal Auxiliar, Luísa Chan, nas muitas idas e vindas dos ensaios no Macau Dome.

Uma experiência decerto memorável!

Sílvia Brás (professora de Educação Física)



Alunos da Escola Portuguesa com colegas de outras instituições de ensino da RAEM, no Centro da Ciência, Hu Jintao e o então Chefe do Executivo, Dr. Edmundo Ho



VIII CONCURSO DE DECLAMAÇÃO DE

Poesia



Há oito anos que se dá o Concurso de Declamação de Poesia, organizado pelo Departamento de Português e Francês da nossa escola, em que participam alunos desde o primeiro ciclo ao secundário.

Este ano realizou-se no passado dia 3 de Março, no auditório da escola, durante todo o dia. Foi apresentado pelos simpáticos pares que abdicaram da sua tarde de divertimento ficando encarregues da apresentação dos concorrentes: André Correia e Sofia Santos, no 3º ciclo e secundário; e Sofia Miranda e João Trigo nos 1º e 2º ciclos. Na parte da manhã, declamaram os alunos do 1º ciclo, estando estes divididos em dois escalões. No escalão A, do 1º e 2º ano, o primeiro prémio foi entregue a Rita Variz; em segundo lugar, a Lourenço Marques e o terceiro classificado foi Sara Rebelo. No escalão B, participaram os 3º e 4º anos, sendo os vencedores Jorge Lobão, em terceiro lugar, Beatriz Pisco em segundo e Diana Lopes que venceu o primeiro prémio.

E a quem coube a difícil tarefa de decidir os vencedores? Foi ao amável júri constituído por Felizbina Gomes, Maria Farinha Simões e José Costa.

Passemos ao segundo ciclo. Desta vez, o paciente júri era constituído por Amélia Antónia, Ana Isabel Carreiro e Antónia Costa, que premiaram em terceiro Maria Francisca Mourão, em segundo, Catarina Furtado e conquistando o primeiro prémio, Duarte Silva.

Já às 4:15, entraram os ansiosos alunos do 3º ciclo. Decidido, o júri, formado por Rui Rocha, Maria da Graça Fernandes e Fernanda Dias optou por nomear em primeiro lugar Sofia Furtado, dando o segundo prémio a Carolina Tam e escolhendo como terceiro classificado Esther Li.

Finalmente, ao fim da tarde, foi a vez do secundário ser ouvido pelo júri Ana Paula Cleto, Luís Sá Cunha e Jorge Cavalheiro. Desta vez venceu Joana Santos em primeiro, Tomás Mota em segundo, e para acabar este concurso anual, Daniela Guerreiro, que ficou como terceira classificada.

Fernando Pessoa e os seus heterónimos, Florbela Espanca, Eugénio de Andrade, José Régio, António Botto, Camões, entre outros, foram dos poetas mais declamados.

Terminou assim o concurso de declamação de poesias em Português deste ano.



Nada é banal

à conversa com Fernanda Dias

Poetisa, contista, pintora e professora, Fernanda Dias foi tudo. Incapazes de entendermos qual destas facetas se sobrepôs a qual, optámos por trazer todas à conversa. Era Fevereiro e a redacção sentava-se junto desta nossa ex-professora para saber. . .



A Fernanda é professora, contista, poetisa e pintora. Explique-nos como é que tudo isto se entrecruza na sua vida.

Com o seu natural à vontade, sentada no sofá da cómoda Sala de Leitura Infante D. Henrique (onde logo se encantou com um certo bambu ali no meio do pequeno canteiro e com a mesinha repleta de livros de Eugénio de Andrade) dizia-nos que a melhor maneira seria dar-nos uma metáfora: “vou dar-vos a metáfora da árvore – a poesia são as minhas raízes; a profissão é o tronco que me suportou e a pintura são as folhas, as flores, os frutos, sempre em mudança...”. Três facetas de uma personalidade, de um ser que é múltiplo. “A minha vida não é uma cómoda com três gavetas estanques, nela tudo se interliga, as três facetas alimentam-se mutuamente”.

Tudo é um caleidoscópio

Sabemos que viveu muitos anos em Macau. Que marcas é que essa passagem deixou em si?

Os anos em Macau foram, segundo nos disse, “intensamente vividos”, já que esta professora vivia aqui, como referiu “plenamente, nunca de passagem” e por isso deixaram todas as marcas que os anos sempre deixam nas pessoas. Aqui fez amizades muito profundas e enriquecedoras, aqui conviveu com poetas de Macau, de diferentes origens e nacionalidades, poetas e pintores com quem estabeleceu trocas culturais valiosas que ultrapassariam o tempo e o espaço.

Como exemplo deste intercâmbio artístico que Macau lhe proporcionou, a entrevistada lembrava livros em que fez traduções de poemas, originalmente escritos em Chinês, depois traduzidos em Inglês e que a ela coubera transformar em versos portugueses... para esse efeito, fez-se valer menos dos textos originais do que do



resultado das cúmplices conversas com o poeta que escrevera os versos em primeiro lugar. “Um poeta que se atreve a traduzir tem de procurar uma honesta visão das coisas”, confessava-nos.

Relembrava-nos, depois, a importância de Macau, esta pequena terra a Oriente, imersa num gigante asiático, e que é um pequeno bastião de uma língua românica falada no Extremo Oriente.

Usar a linguagem como uma máquina fotográfica

No regresso a Portugal, trocou Macau por Faro, no Sul do país. Como foi essa transição?

A ida para Faro nunca foi um abandonar Macau”, já que a escritora tem três filhos e dois deles vivem aqui, daí que afirme nunca ter saído completamente. Além disso, como explicou, manteve sempre contactos com a Delegação de Macau em Lisboa, onde deu palestras sobre os seus livros e onde expos colectivamente e a título individual.

Aconselhou-nos depois a passarmos por lá (Delegação Económica e Comercial de Macau), em Lisboa, na 5 de Outubro, um espaço, segundo explicou, muitíssimo acolhedor, com uma livraria, biblioteca,

salas de exposições, e que dá apoio, inclusivamente, a jovens de Macau que enveredem pelos caminhos de Portugal.

O que mais a marcou na sua passagem pela EPM como professora?

A EPM cultivava “uma atmosfera de trabalho, de vontade de trabalhar para se ser hoje melhor do que se foi ontem”, assim descrevia o seu sentir sobre a nossa Escola. Os alunos são aqui o motivo de orgulho para qualquer professor. “Esta Escola sempre soube promover, entre os alunos, a vontade de procurarem o seu melhor”, confessava, ligeiramente saudosa desses tempos em que de suas aulas saíam tantos trabalhos visuais que hoje temos expostos nos nossos corredores, salas e gabinetes.

E inspirações? Quais tem?

A poesia e a pintura são alimentadas pela visão... “procuro sempre transmitir a emoção através de uma imagem que seja visível aos olhos do leitor. Penso que uso a linguagem como uma máquina fotográfica”.

Outros interesses? A botânica, ou melhor, a Etno-botânica, uma ciência mista que relaciona as plantas com a história e a cultura dos povos...

A sua poesia procura a exactidão, o rigor no nome das coisas... “oferecer uma visão exacta é o intuito da minha escrita...”

Gosto que as coisas sejam nomeadas pelo seu nome

Uma mensagem para o jornal Tempus & Modus...

Começava por nos dizer que recebeu, todos estes anos, o T&M e que nunca o guardou para si, encaminhando-o sempre por entre amigos que ensinam o Português, para que outros o lessem e assim nos conhecessem.

Depois, já em despedida, aconselhava-nos “tenham sempre orgulho da vossa actividade, porque ela é meritória, ela vai deixar as suas marcas” e recordava-nos que todas as aprendizagens, por mais ínfimas que nos pareçam, são sempre “uma porta para o nosso enriquecimento”. Porque “nada é banal”.

E banal não foi, seguramente, esta conversa que se prolongou tarde fora, com alguém que não será, jamais, banal.

A redacção do T&M

Jantar de Primavera da EPM



Comida é sempre sinal de festa, e quando se é chinês, ou se vive na China, uma boa refeição traz sempre com ela uma celebração. Este ano, a Direcção da EPM não quis deixar passar a oportunidade de celebrar a chegada da Primavera.

Num restaurante de comida chinesa, no passado dia 5 de Março, todos os funcionários, professores e Direcção da escola se juntavam para comemorar a chegada de mais um Ano Novo Chinês.

A abrir o jantar, a Presidente da escola, Dra. Edith da Silva, aproveitava para agradecer o empenhamento de todos, professores e funcionários, na realização do Dia da Escola Aberta. Seguiam-se deliciosos pratos entre brindes calorosos. Rostos animados, à boa mesa, a gente da casa celebrava assim o tempo de Primavera, fazendo votos para que o ano do Tigre possa trazer muitos sucessos profissionais, à nossa escola, e muitas alegrias pessoais a todos.

(T&M)



Caligrafia chinesa, pelo professor Chai Chun Heng







No passado dia 6 de Fevereiro, realizava-se na nossa escola um dia aberto, de forma a dar a conhecer as actividades nela realizadas e a promover novas inscrições de outros alunos na escola. A EPM esteve aberta ao público entre as dez da manhã e as seis da tarde.

Embora a maioria dos alunos e professores da escola estivessem envolvidos em constantes actividades, de carácter diverso, houve um programa de espectáculos que decorreu das onze e meia da manhã até as três da tarde. A conduzir e apresentar este conjunto de espectáculos, estavam a Sofia Miranda (12º C) e o Genésio

Chan (11º A). Antes do início dos espectáculos, houve oportunidade para proceder à assinatura de um protocolo de cooperação da EPM com a “Escola Profissional Amar Terra Verde” e à entrega de um donativo, no valor de quarenta mil patacas, recolhido na escola e destinado às vítimas do terramoto de Sichuan, donativo este que foi entregue ao Presidente da Cáritas de Macau.

Durante o espectáculo, assistiu-se, sobretudo, a dramatizações e a pequenos momentos musicais (com destaque para as alunas Sandra Lemonon, do 10º D e Maia Madeira, do 11º D, que interpretaram, respectivamente, a música

francesa “Moi... Lolita” e a música inglesa “I Turn To You”), não deixando de incluir a poesia (momento dedicado a Fernando Pessoa e suas diversas mascaras, intensamente interpretado pelos alunos do 12º ano). Seguiu-se a dança e, de tarde, um apontamento de demonstração de Kendo.

Durante todo o Matémática era claramente indicada com um caminho tracejado, desde a entrada da escola, no qual estava representado o número π com cerca de 6800 casas decimais e onde decorriam espectáculos de magia seguidos de explicações matemáticas para o truque em questão e eram propostos desafios matemáticos



Escola Aberta, ao Presente e ao Futuro



ao público. Na sala ao lado, decorriam apresentações orais a propósito das disciplinas de Filosofia (11º Ano) e Direito (12º Ano) falando-se acerca de teorias existenciais e gestão em situações de emergência. Na sala ao lado desta, sala de cursos profissionais, eram exibidos filmes sobre a escola feitos pelos alunos deste mesmo curso.

No primeiro andar, estavam expostas salas abertas ao público onde se exibiam os trabalhos artísticos dos alunos da escola. Neste corredor víamos uma mini-galeria de pintura em porcelana, alunos a desenharem com modelos e a fazerem um mural numa parede. Na área mais aberta da escola, o átrio, decorriam actividades desportivas

variadas. Os campos de basquetebol e futebol ofereciam a oportunidade de se poder jogar um pouco, e havia, ainda, ténis de mesa no ginásio. Além disto, estava a banda “Absinthe” que tocava por conta própria e “à vontade do freguês” para dar um ambiente mais animado.

Por outro lado, a ala velha era palco de uma exposição de cartazes e jogos dedicados à vertente linguística: na secção do Inglês apresentavam-se, sobretudo, cartazes de temas variados em língua inglesa.

Na secção do Português, além da exibição de cartazes, destacava-se um cantinho intitulado “Amores Que Fizeram História” no qual se exibiam

referências e se fazia a breve história das vidas amorosas dos mais famosos pares amorosos da História da nossa literatura e um canto dedicado a Fernando Pessoa e seus Heterónimos, decorado com poemas destes acompanhados de imagens desenhadas. Para animar a miudagem mais pequena, as professoras de Português lançavam o repto: “Para bom entendedor um furinho basta” onde se completavam provérbios em língua portuguesa; noutra banca de jogos, respondia-se a perguntas sobre autores portugueses, e se se ganhava tinha-se direito a um chupa-chupa... Já se entende agora por que razão a criançada andou chupando todo o dia.





Na secção da Língua Chinesa, já que se celebrava de igual modo o Dia do Mandarim, encontrava-se a habitual bancada na qual um calígrafo, o sr. Choi Chun Heng, traduzia os nomes das pessoas, a pedido destas, em bela caligrafia chinesa, escrita em papélinhos de cor laranja com brilhantes, tudo para trazer sorte no ano que estava quase a chegar. Nos painéis, havia cartazes com dragões e histórias tradicionais chinesas. Por fim, a secção do Francês era também ricamente decorada com cartazes alusivos à língua, com um mercado de fruta e a oportunidade de se comer um gelado logo ali ao lado.

Por fim, a APEP, a Associação de Pais da Escola, fazia uma campanha promovendo a adesão ao consumo de alimentos saudáveis; durante todo o dia, distribuíram por quem quis, frutas, vegetais, pão caseiro, queijo e enchidos e algumas especialidades feitas no forno e sem gorduras.

A biblioteca estava aberta para qualquer pessoa que quisesse esquecer a confusão e ler um bocado e, ao mesmo tempo, também decorriam jogos variados, contavam-se histórias, fazia-se uma exibição de fantoches e os computadores estavam abertos a exibir fotos, filmes e canções, um canto das ciências sociais exibiam cartazes alusivos a vários temas culturais relacionados com Portugal, Macau e o Mundo e, tal como o ano passado, os alunos da área de Economia conduziam o jogo de perguntas e respostas acerca de conhecimentos da UE. Mesmo ao lado, decorria, na sala 136, uma exibição de técnicas de feitura de chá, conduzida pelo Dr. Jorge Cavalheiro, que amavelmente nos cedeu o seu tempo para nos dar a provar esse magnífico chá chinês.

Em contraste com a parafernália que decorria na Ala Nova e no piso inferior da escola, o 2ºPiso da Ala Velha, a secção

dos mais novos, sintetizava tudo o que se estava a passar na escola. Nesta secção, as crianças eram inseridas numa simulação de um mercado, contribuíam para a sua secção da língua Portuguesa através do contar de histórias e jogos, punham os cérebros a trabalhar na secção da Matemática com o seu Jogo da Glória e saciavam a sua curiosidade científica na secção das ciências com experiências básicas e cartazes alusivos à disciplina.

O Dia Aberto terminou às seis da tarde deixando os seus coordenadores e participantes exaustos e o público impressionado (esperamos!) com a variedade de actividades e espectáculos ao seu dispor. Somando isto à evidente satisfação dos seus participantes, podemos dizer que este dia foi, por fim, um ressonante sucesso.

Tiago Garcia (T&M)





no tempo dos gira-discos

No dia 19 de Janeiro, nós, alunos do 11ºA, tivemos a oportunidade de fazer uma visita de estudo, com o professor Paulo Guerra, ao Museu da Alta Fidelidade.

Saímos da escola por volta das dezasseis e quinze e dirigimo-nos a pé até ao museu. Ao chegarmos lá, a visita foi guiada por um senhor que, apesar de não saber falar Português e de ter dificuldades em se explicar em Inglês, deu o seu melhor para nos explicar o que cada objecto que lá se encontrava era e como funcionava,

com a ajuda do nosso colega João Sio que nos ajudou traduzindo o que este ia dizendo à medida que explicava (obrigado, João!).

Este museu contém modelos antigos de aparelhos eléctricos como as televisões que se utilizavam antigamente, os rádios, os gramofones, os telefones, aparelhos de música ainda com os famosos discos de vinil (aqueles discos grandes pretos que antigamente se utilizavam nos gira-discos), entre outras coisas.

Esta visita teve como objectivo fazer-nos compreender melhor o funcionamento dos

aparelhos eléctricos que funcionavam (e alguns que ainda funcionam) através de sinais analógicos e apercebermo-nos melhor das diferenças entre os sinais analógicos e os sinais digitais (conceitos dados no 11º Ano a Física).

Foi uma visita interessante, que nos fez desenvolver um pouco mais os nossos conhecimentos acerca deste assunto e também dar um saltinho ao tempo dos muito famosos gira-discos!

Beatriz Machado (T&M)

de cabelos em pé



Eram nove e meia da manhã, do dia 21 de Janeiro, quando a turma do 11ºA de Física e Química A se dirigiu ao Museu das Comunicações, acompanhada pelo professor Paulo Guerra.

Chegámos lá por volta das dez horas. Nesta visita pudemos experimentar diversos aparelhos, não existentes na nossa escola, e ficar a saber um pouco mais acerca de vários assuntos relacionados com a disciplina.

Para começar, estivemos a observar a evolução histórica dos Serviços de Correios de Macau. Conjuntamente com isso, o nosso professor foi-nos guiando e explicando como

as funcionalidades da maioria das coisas pelo qual íamos passando. Algumas delas era possível experimentar, outras não.

Já no final da visita, alguns alunos tiveram a oportunidade de ficar com “os cabelos em pé” com a famosa bola metálica que, ao colocarmos as mãos, através de energia, faz com que fiquemos com os cabelos no ar.

A visita foi bastante interessante, ajudando-nos a compreender melhor certos conceitos relacionados com a Física e, claro, aproveitar um pouco mais aquilo que está para além das aulas.

Beatriz Machado (T&M)

who let the dogs out?

Todos nós, os alunos da turma B do 9º ano, encontrámo-nos na porta da escola para irmos, de autocarro, à ANIMA (uma espécie de sociedade protectora de animais de Macau), no dia 4 de Fevereiro de 2010, para visitarmos os cães que se perderam nas ruas de Macau e foram recolhidos pela respectiva associação. A visita foi feita no âmbito da disciplina de Formação Cívica, na qual temos andado a aprender sobre várias áreas profissionais, com o intuito de ser mais fácil decidirmos a área de estudos que vamos escolher no décimo ano.

Quando entrámos, os cães deram-nos as boas-vindas com os seus latidos que assustaram um pouco alguns de nós. Havia cães de todos os tipos: uns amorosos, outros ferozes, alguns assustados, outros calmos e os hiper-rebeldes. Dentro das instalações, os cães mais calmos andavam à solta.

A veterinária da ANIMA, Teresa Freitas, contou-nos as histórias dolorosas de alguns caninos e apresentou a situação problemática em que a associação está, visto que há falta de espaço e dinheiro para suportar os quase duzentos animais que já lá se encontram instalados. Por consequência têm de fechar as portas a outros cães que igualmente precisam de ajuda.

Na altura de regressarmos à escola, nós nem nos queríamos separar dos animais que estão à espera de serem adoptados por uma nova família, uma família que os trate bem e amigavelmente ou então à espera de serem apadrinhados por alguém.

E tu? Já lá foste? Porque não levas lá os teus pais e te tornas “padrinho” de um cãozinho?

Graciliana Loureiro (T&M)



Ciências forenses

No dia vinte e três de Fevereiro, os alunos do 12º A fizeram uma visita de estudo ao Laboratório da Polícia Judiciária, no Cotai, no âmbito da disciplina de Biologia.

Durante este período de tempo, esta turma (da qual eu faço parte) preocupou-se em estudar a genética e suas aplicações na vida real. Sendo que uma bem conhecida aplicação desta é a ciência forense, decidiu-se visitar o laboratório forense da Polícia de forma a melhor entender as aplicações destes processos. Quando chegámos lá, os responsáveis pelo estabelecimento conduziram-nos amavelmente para o laboratório, sendo inicialmente conduzidos para a secção de análises de material genético.

Aí foram-nos mostradas as matérias-primas com a qual eles trabalham e algumas técnicas simples de análise mais imediata, como a identificação de sangue e a sua diferenciação entre sangue animal e humano. Durante esta apresentação, foi-nos lembrado que testes mais extensos como análises de ADN demoram, de facto, várias horas ao contrário das referências em cultura popular, de acordo com as quais estes testes demoram apenas trinta segundos ou menos. Muitas das salas que se ocupavam destas análises encontravam-se hermeticamente seladas e esterilizadas de forma a não contaminarem as amostras e disseram-nos que os laboratórios estão abertos ao público para testes de parentesco; seguiu-se uma apresentação de alguns resultados de análises de ADN bem como da forma como devem ser lidos.

A seguir, fomos direccionados para a secção de análises materiais, ou seja, o lugar onde se analisa e se identificam as substâncias vulgarmente encontradas na cena do crime. Aí vimos várias máquinas, algumas com um tamanho colossal, cujo único propósito é analisar ao microscópio substâncias de todo o género e variedade. Porém, foi-nos dito que são necessárias diferentes máquinas para identificar diferentes tipos de substâncias (por exemplo entre substâncias orgânicas e inorgânicas) e como era necessário efectuar pré-análises extensivas de forma a poder efectuar alguns testes, pois nestes a amostra a ser testada era destruída após o teste. Novamente, estes testes demoram uma modestas seis ou sete horas a concluir.

Por fim, voltámos ao piso inferior onde tirámos uma fotografia de grupo com toda a turma, o professor e o responsável pelo laboratório forense que, mais uma vez, teve a amabilidade de nos autorizar a efectuar esta visita de estudo onde saciámos o nosso interesse pelo tema e adicionámos mais uma razão para não acreditarmos em tudo o que se vê na televisão.



O que acontece em Cantão, fica em Cantão



Como é tradição todos os anos, nós, os alunos do 9º ano pudemos participar em mais uma fantástica visita de estudo a Cantão. Partimos juntamente com as directoras de turma, professoras Fátima Oliveira e Cristina Street, e o professor Arlindo Serro, às 7:30 do dia 26 de Fevereiro da EPM para as Portas do Cerco.

Felizmente, passámos a fronteira sem problemas e seguimos viagem rumo a um fim-de-semana que seria inesquecível. Durante a viagem de Zhuhai até Punyu, uns dormiam e outros ouviam música e conversavam.

A nossa primeira paragem foi em “Chimelong Paradise”, um parque de diversões, onde almoçámos (comida chinesa, claro, uma vez que estamos na China) e passámos a tarde a experimentar várias diversões, onde se destacaram a montanha-russa de dez loopings e a de noventa graus.

Após o jantar de pratos variados da gastronomia chinesa, seguimos para o Circo, um dos melhores do mundo, também no parque de diversões, onde participavam mais de mil animais. Por volta das 22:00, estávamos a caminho do Hotel Holiday Inn Shifu para aterrarmos nas camas, pois o dia

tinha sido muito cansativo e precisávamos de recuperar a energia para o dia seguinte.

Num abrir e fechar de olhos, já estávamos a acordar com o wake up call do Hotel, pois não podia haver atrasos ao pequeno-almoço. Por volta das 9:30 (depois de um pequeno-almoço nutritivo, para termos força para o resto do dia) fizemos o check-out do hotel e viajámos até um Museu (um dos melhores oitenta museus do mundo) onde se encontrava em exposição o Mausoléu do Rei Nanyue.

Este Mausoléu tem mais de dois mil anos e foi construído a vinte metros abaixo da terra, para o imperador Wen. Quando ele





morreu, foi enterrado no local (que tem sete compartimentos), juntamente com animais, esposas, concubinas, cozinheiros e músicos. Também tivemos a oportunidade de ver mais de mil peças, exibidas num dos pavilhões. O destaque é para a incrível vestimenta mortuária feita com 2291 pedacinhos de Jade, conectados um a um com seda, ouro, prata e cobre. É o único existente em todo o mundo. Para nós a visita a este Museu foi a mais educativa e interessante em termos de conhecimento.

Com mais uma refeição tomada, já com o dia a chegar ao fim, visitámos um oceanário onde assistimos a um espectáculo de

golfinhos e focas. Para completar o dia, comprámos umas lembranças e demos o nosso último passo em Cantão ao entrar no autocarro que seguia para Zhuhai. Todos partilhávamos o mesmo pensamento nesse momento: “Era tão bom ficarmos só mais um dia”, e com tristeza chegámos a Macau após passarmos a fronteira. Outro autocarro levou-nos para a escola onde os nossos pais (cheios de saudades nossas...) esperavam ansiosos para ouvirem o relato da viagem.

Podíamos estar muito tristes com a chegada do fim, mas por outro lado, sabíamos que tínhamos aproveitado ao

máximo o tempo, e sem remorsos, temos no nosso coração esta viagem fantástica, em que reforçámos a ligação uns com os outros, e mais tarde iremos recordar com um grande sorriso na cara!

Esta viagem de estudo só foi possível com o patrocínio da DSEJ, à qual estamos gratos, por nos proporcionar uma viagem ao continente, na qual pudemos praticar os nossos conhecimentos de Mandarim, conhecer elementos da História da China, provar a gastronomia local e ver esta região da província de Guangdong.

Carolina Vieira, Graciliana Loureiro e Sara Trigo (T&M)





Caetano

workshop de música

No dia 16 de Janeiro, por volta das seis e meia, no Auditório da EPM, começava um workshop de música organizado pelo nosso antigo aluno, João Caetano, que está a estudar Música na Universidade de Chichester, em Inglaterra.

Na primeira parte do workshop, encontravam-se em palco o "Trio do Jazz", que é composto por João Caetano, na bateria, acompanhado de outros dois nossos "ex-alunos" Rodrigo Figueira, no baixo, e Ângelo Mateus, na guitarra, que tocaram *Autumm Leaves* e *Spain*.

Na segunda parte, o aluno Mathew Lee subiu ao palco para substituir o João Caetano na bateria, que acabou por ficar pela voz e na guitarra; nesta parte, tocaram a música "The man that cant be moved" da banda "The Scrip" e a seguir foram ouvidas duas músicas originais do João Caetano: *Always Do* e *Make the Most of It*.

Na conversa que tivemos com o João Caetano, percebemos que este apreciou muito poder voltar a tocar na escola (local pelo qual tem muito carinho) e por ver a presença de tantos alunos na assistência. Acrescentou um apelo para que todos os alunos estejam atentos, pois o "Trio da Jazz" quando voltar a Macau irá sempre tentar fazer coisas na escola. Para mais informação, poderão ir ao Facebook do João Caetano, ou ao seu My space (www.myspace.com/jcaetano).

É sempre bom rever um aluno tão especial como o João e vê-lo ao vivo, por isso estaremos todos à espera, ansiosamente, pelo próximo workshop, e até lá desejamos-lhe o maior sucesso possível. See you, Caetano!

Sara Trigo (T&M)

Sex exchange!

What about switching yourself to the other side just for one night?

It's Time to Switch! Foi este o tema de mais uma das festas organizadas pelos nossos queridos finalistas que, mais uma vez, não se esqueceram de a tornar um sucesso! Com as férias do Ano Novo Chinês à porta, aproveitaram para a fazer no último dia de aulas, dia doze de Fevereiro, às nove e meia da noite, no Goddess Bar, no Nape. O bilhete custava cinquenta patacas com direito a uma bebida de graça mas, para quem comprava na hora, lá tinha que dar mais dez patacas se se quisesse juntar à festa!

O tema da festa consistia em fazer os rapazes sentirem o que é ser uma rapariga

por um só dia e as raparigas o que é estar no papel deles. Assim, pudemos ver tanto os finalistas como a maioria daqueles que por lá passaram, com as suas "personalidades" trocadas, uns de perucas, outros de vestidos, de saias; elas de camisas, gravatas...

A festa durou até de madrugada, sempre acompanhada de muita música e recheada de energia que nunca mais acabava mas, infelizmente, foi a última destes nossos finalistas de 2009/2010.

Os nossos parabéns aos finalistas por todo o trabalho que tiveram e, esperamos que a vossa viagem pelo qual tanto anseiam seja como esperam, fantástica!

Beatriz Machado (T&M) e Francisca Garcia (9º B)



Mais um concurso

O 14º Concurso de Cartas ao Pai Natal, promovido pela Direcção dos Serviços de Correios, e que este ano teve como lema "A Minha Actividade Musical Favorita", contou, mais uma vez, com a participação de alguns alunos da escola. Apurados os resultados, após selecção do júri, foram encontrados os vencedores, que aqui se registam: da categoria I, com o 1º prémio,

Inês Machial; com o 2º, Rita Raminhos e com o 3º, António Barros. Na categoria II, o 1º lugar foi para a Catarina Furtado e o 2º para Leonor Lopes.

Parabéns!

(T&M)

His brain, her brain

por: Tiago Garcia (T&M)

A pesar das inúmeras diferenças culturais que a humanidade desenvolveu entre si no decurso de vários séculos, uma particular característica parece manter-se constante no meio disto tudo: a existência de uma espécie de discrepância característica entre membros de sexos opostos.

É mais do que frequente os homens e as mulheres reunirem-se e discutirem esta discrepância. Os homens invocam máximas como “mulher ao volante, perigo constante” e “não se entende as mulheres” enquanto que as mulheres pregam sermões acerca de como “os homens são todos iguais” e “como os homens são burros”. Embora isto não seja novidade para ninguém minimamente consciente do mundo à sua volta, há também que entender que existe algum fundamento científico por detrás destas afirmações tão quotidianas. Para melhor entendermos esta afirmação, precisamos de explorar um pouco os cérebros de cada um dos sexos.

Durante bastante tempo, a primeira diferença que se notou entre os cérebros dos homens e das mulheres foi o seu tamanho. Sendo que o cérebro do homem é maior do que o da mulher, foi aceite, lamentavelmente, como facto científico, a superioridade do sexo masculino sobre o feminino durante bastante tempo. Porém, acontecimentos sócio-culturais notáveis no último século contribuíram para eliminar este mito e dar às mulheres as oportunidades iguais para todos os seres humanos. Daí, com a ajuda da imaginação popular e dos media, surgiu um ardente debate que envolve todos os membros da sociedade: a guerra dos sexos. De forma a provar a igual capacidade entre sexos, as mulheres iniciaram um período no qual disputavam constantemente as capacidades dos homens e os desafiavam a fazer melhor. Com o advento disto, reparou-se que, embora as mulheres tivessem, de facto, jeito para variadíssimas coisas, os homens continuavam a revelar, em certos domínios, aptidões que as mulheres não alcançavam.

Pondo de lado o argumento de que os homens têm mais aptidão para actividades físicas do que as mulheres, a questão é que em termos de actividades intelectuais e certos comportamentos, tal como referido no início, havia identidade entre uns e outras. Porque é que isto acontece? Além da óbvia diferença entre a média de tamanhos cerebrais, a maior diferença entre os cérebros de ambos os sexos traduz-se nos centros linguísticos e espaciais.

Como qualquer pessoa minimamente atenta sabe, as raparigas têm tendência para se tornarem maduras mais cedo do que os rapazes (isto deve-se à idade na qual a massa cinzenta dos diferentes sexos atinge o seu pico e que coincide, surpreendentemente, com a idade do início da puberdade de ambos os sexos). Além do mais, percebeu-se que as raparigas têm mais jeito para a vertente linguística do que os rapazes. Isto deve-se ao facto de que dois centros linguísticos cerebrais são mais desenvolvidos em mulheres do que em homens. Em contraste, também se percebeu que os rapazes têm mais jeito para o reconhecimento espacial e tridimensional do que as mulheres, desde muito cedo, pois a área responsável por esta actividade é mais desenvolvida nos rapazes.

Uma outra diferença entre as capacidades entre sexos revela-se na Matemática. Aparentemente, os rapazes têm mais jeito para se “safarem em problemas matemáticos do que as mulheres. Esta capacidade faz do sexo masculino mais apto em problemas matemáticos complexos, ao contrário daquilo que as professoras de Matemática dizem. Porém, a verdade é que as raparigas ainda mantêm alguma autoridade nesta área, pois apresentam mais jeito para cálculos directos como operações simples.

Outra diferença particularmente interessante é o facto de que os rapazes têm mais aptidão para actividades de tiro ao alvo enquanto que as raparigas têm mais proficiência para tarefas que exigem um nível de controlo de dexterdade mais elevado. É desta forma que os homens sempre tiveram mais jeito para serem arqueiros de competição e utilizarem armas de fogo, enquanto as mulheres revelaram mais aptidão para tecer e fazer cirurgias. O que se evidencia na conduta social secular de os homens irem para a guerra enquanto que as mulheres ficavam a tratar da casa e da família.

Apesar de as características acima referidas terem fundamento científico, a verdade é que estas habilidades não devem ser vistas de um ponto de vista tão linear. Como já foi repetidamente provado, não é pelo facto de as mulheres terem mais apetência pela dança que não houve bailarinos e coreógrafos masculinos e também não é pela clara aptidão física dos homens que deixa de haver soldados e figuras militares femininas.

Mas parece que existe também outra constante que parece ter tido mais impacto na sociedade: o facto de que as mulheres apresentam uma maior sensibilidade emocional do que os homens. Este comportamento pode ser explicado de um ponto de vista evolucionista. Com o advento da criação de grupos sociais os animais que exibiam este comportamento desenvolveram o cérebro no sentido de manter esta nova forma de organização e, consequentemente, as gerações posteriores apresentavam uma maior capacidade social.

No caso dos primatas, ocorria a divisão de sexos no que diz respeito a diferentes funções de grupo. Enquanto que os machos se preocupavam em pesquisar o horizonte por possíveis perigos para o seu grupo social, as fêmeas preocupavam-se em manter a coesão de grupo e preocupavam-se com os outros membros do grupo, nomeadamente as crianças, sempre que os machos detectavam algum perigo. Para poderem exercer as suas funções convenientemente, os machos desenvolveram aptidões para a percepção sensorial e visual e as fêmeas desenvolveram a sua capacidade de comunicação e resposta sentimental. Através disto, pode-se explicar de que forma surgiram as maiores diferenças entre cérebros femininos e masculinos anteriormente referidas.

Sendo assim, os cérebros, baseado em estudos de embriologia, definem o sexo do indivíduo ainda antes da diferenciação sexual e da produção de hormonas sexuais e, da próxima vez que o leitor tiver uma discussão amorosa, lembre-se que a resposta não reside no facto de que “os homens são burros” ou que “as mulheres são complicadas” mas, sim, simplesmente porque pensam de forma diferente.

A Vida

A vida é uma, de entre muitas outras coisas, que eu não entendo. Será que a vida tem um sentido? Eu sei que esta é uma questão filosófica, mas acredito que sim, tem um sentido, e também acredito que é ao longo da vida de cada um de nós que se vão juntando as peças do “puzzle”, isto é, as nossas experiências de vida, e se descobre o sentido desta. Porém, não posso dizer com toda a certeza do mundo que estou certa, até porque há pessoas que dizem que a vida não tem sentido, mas isso também depende da opinião de cada um. Sim, porque se todas as pessoas vissem as coisas da mesma maneira, não haveria opiniões diferentes e assim o mundo seria muito monótono.

Todos nós temos momentos muito bons e também temos outros menos bons. Nos bons momentos, só nos apetece viver a vida ao máximo e, naqueles menos bons, só nos apetece trancar num quarto, fechar as portas ao mundo e cortar relações com toda a gente. Mas a lei da vida é mesmo assim, com vitórias e derrotas, e, quando perdemos, temos de seguir em frente ou então, como diz um ditado português, “Quem para adiante não olha, atrás fica.”

Às vezes eu penso:

Como é que serei quando for mais velha? Qual será a minha profissão? Será que me irei casar? Estas são perguntas que, se eu as quiser saber, terei de esperar alguns anos até matar a minha curiosidade. Contudo, não quero que o tempo passe rapidamente, porque todos os adultos me dizem, e eu própria sei, que é bem mais fácil ser-se criança que adulto.

Mariana Garcia, 8º A

25-12-2009

Natal: nome próprio; palavra com duas sílabas e cinco letras; significado? Muitos. Dependia de pessoa para pessoa, mas de uma maneira objectiva, é o feriado que marca o dia de nascimento de Jesus. Também é uma desculpa para gastar dinheiro, juntar uma família que não se vê há meses e comer sem parar. Para uns, um sacrifício, para outros, uma prenda em si. Para mim, o Natal não tem um significado certo ou, pelo menos, ainda não o encontrei.

Acordei bastante cedo naquela manhã, considerando que me tinha deitado às três da manhã. Mas os meus pais acharam que não estávamos suficientemente cansados e decidiram tomar o pequeno-almoço fora do hotel. Não entendi porque é que isso era imprescindível, mas não disse nada. Mas nada parou o Kiko de refilar, aquele miúdo nunca teve medo de dizer o que pensa, ele tem muita coragem. Não é que eu tivesse medo de dizer o que penso, o facto é que não queria incomodar nem os meus pais, nem as pessoas que vieram connosco na viagem.

Lá fora estava muito frio, mas como era um dia seco e não havia vento, suportava-se bem. Andámos um quarto de hora até encontrarmos um centro comercial que tivesse um expresso de jeito (para dizer a verdade, eu tinha visto muitos outros cafés iguais mais perto do hotel, mas não dissera nada porque estava a saber tão bem dar um passeio nas ruas de Seoul). Sentámo-nos todos nos sofás do Krispy Kreme a comer donuts enquanto os mais velhos bebiam o seu indispensável café.

Apesar do frio intenso, das decorações que enchiam todas as ruas por que passávamos, do espírito natalício de todas as pessoas que víamos, não parecia dia de Natal. Porquê? Porque tinha imaginado que houvesse um manto branco de neve a tapar todas as ruas em que andava. Essa neve não estava lá, como era óbvio. Desde que chegara, apenas tinha apanhado um breve nevão no primeiro dia e a semana que ia ficar na Coreia já estava a acabar.

Andámos de um lado para o outro todo o dia a ver centros comerciais. Almoçámos e jantámos muito rapidamente para podermos aproveitar bem o tempo que tínhamos. Pouco antes de voltarmos para os quartos do hotel, parámos numa loja de calçado para dar uma vista de olhos nas botas à venda.

Enquanto punha as minhas botas de volta depois de experimentar um par à venda ouvi uma exclamação do meu irmão que estava à nossa espera à porta da loja.

Corri para a porta, para ver a razão da sua excitação. Neve. Isso mesmo, o meu milagre de Natal. Sim, não foi um milagre muito importante nem o tipo de coisa que vai parar ao telejornal, mas, para mim, fez toda a diferença.

Deixei-me ficar parada no meio da passeadeira, a olhar aqueles floquinhos de neve que caíam por todo o lado e acho que, apesar de ainda não perceber o que o Natal é para mim, dei mais um pequeno passo para o descobrir.

Carolina Vieira (T&M)

Vampiros em Nova Iorque

Hoje, acabei de ler o livro que todas as raparigas adoravam, excepto eu, o *Twilight*, da autora Stephanie Meyer. É uma história sobre uma rapariga que se apaixonou por um vampiro. Que ridículo, este mundo nem tem vampiros. A razão que me levou a ler esse livro foi apenas não ter nada que fazer.

Decidi ir dar um passeio no Central Park. Desci à rua, andei uns quarteirões e cheguei lá. Observei o que estava à minha roda: adolescentes a conversar e a rir, crianças a brincarem às apanhadas e um grupo a fazer exercício físico. E o que me espantou, foi um rapaz que passou ao meu lado, andando no sentido oposto. A cara dele era completamente pálida, mas lindo, e eu senti o frio que saía do corpo dele, parecia um...vampiro.

Olhei para trás, e ele notou que eu estava a olhar para ele. De seguida, parou e virou-se para mim. Nós olhámos um para o outro, eu não sabia o que fazer, parada, hipnotizada, nem ele fazia nada, também parado como uma estátua. Finalmente, ele continuou o seu passeio, e depois desapareceu.

Voltei para casa, com medo e sem acreditar no que tinha acontecido naquele dia. A minha mãe já tinha preparado o jantar para mim, eu comi-o rapidamente e fui para o meu quarto.

Como é possível ter-me encontrado com um vampiro, este tipo de criaturas não existem. Acalmei e adormeci. A meio da noite, acordei por causa de um pesadelo e também porque ouvi pedrinhas a bater na janela. Fui até lá, olhei para baixo e era esse mesmo rapaz. O meu coração começou a acelerar, ganhei coragem e abri a janela e ele saltou do rés-do-chão para o meu quarto que estava no décimo andar.

Olá. Deixa-me explicar quem eu sou.- pediu ele. - Eu chamo-me Robert e sou um vampiro. Eu sei que não acreditas nisso, mas a verdade está aqui à tua frente e sei que não a vais contar a ninguém. Eu tenho dezassete anos desde 1897, foi no ano em que me tornei num vampiro. Não precisas de estar com medo que não é o teu sangue que eu quero, é só o sangue dos animais. Eu estou aqui porque foste a única que reparou em mim no parque e não quero que ninguém fique com medo por causa de mim, é por isso que quero que tu venhas comigo. Eu quero mostrar-te como as criaturas como eu vivemos.

Numa só vez, ele conseguiu responder a todas as perguntas que vieram à minha cabeça.

Eu consigo ler o que as pessoas pensam, tal e qual como o Edward do "Twilight". Mas somos um pouco diferentes. Eu consigo sair para a rua quando está Sol e ele não. Então, podes vir comigo? - indagou ele.

Confusa, não sabia o que decidir, mas não queria perder a oportunidade de conhecer um mundo completamente novo e real.

Sim, posso, mas eu vou ter que voltar amanhã de manhã.- avisei-o.

Estarás cá antes das cinco horas da manhã. Eu prometo. - disse Robert.

Eu fui ao colo dele e saltámos da minha janela para o edifício a seguir. Parecia estar ao colo do homem aranha, só que, muito mais rápido. Depois de trinta segundos, chegámos à Fifth Avenue, famosa por ser a área dos ricos. Entrámos num dos apartamentos dessa avenida e lá estava toda a família do Robert à espera de mim, pelo menos era o que parecia. Apresentaram-se e o Robert apresentou-me, por mim. Eu não estava muito disposta a estar a falar, era muito estranho estar a conversar com vampiros, nunca tal passara na minha cabeça.

Portanto, não demorou muito até o meu novo amigo, Robert, me levar para casa.

Graciliana Loureiro (T&M)

Autocarro

Na mais banal actividade da minha rotina diária,
Decidi um dia distrair-me um pouco
Imaginando o que atravessava a mente
De cada pessoa que, como eu,
Estava sentada, indiferentemente,
Num banco qualquer do autocarro.

Em cada estação que parávamos,
Entravam e saíam mais pessoas,
Logo a minha diversão não cessou,
Nem por um momento,
Até chegar ao meu destino.

Observei o mais variado leque de pessoas,
E fascinava-me como, apesar das diferenças,
Que nos separavam,
Também encontrava semelhanças.
Cada um tinha as suas preocupações,
E os seus sonhos,
E as suas ambições,
E as suas vidas...

Contudo, éramos, somente, um grupo de pessoas,
Com uma interacção, sociologicamente, não focalizada.

Apenas me podia contentar,
Através da minha imaginação viva
E da minha observação curiosa,
Nas histórias que criava, mentalmente, para aquelas pessoas
Que, como eu, estavam sentadas, indiferentemente,
Num banco qualquer do autocarro.

Natacha Barreto (T&M)

pequenos grandes artistas

selecção de trabalhos de alunos realizados no âmbito da disciplina de Educação Visual

